



# revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

## O Nome de Deus

SAÍ UM DIA A CONTEMPLAR O MUNDO,  
POR VER QUANTO HÁ DE BELO E QUANTO BRILHA,  
NA MÚLTIPLA E GLORIOSA MARAVILHA  
QUE ANDA SUSPENSA EM O AZUL PROFUNDO!

VI MONTES, VALES, ÁRVORES E FLORES,  
LÍMPIDAS ÁGUAS, MÚRMURAS TORRENTES,  
DO GRANDE MAR AS MÚSICAS PLANGENTES,  
DOS CÉUS SEM FIM OS TRÉMULOS FULGORES!

TROUXE OS OLHOS TÃO RICOS DE BELEZA,  
O CORAÇÃO TÃO CHEIO DE HARMONIA,  
DE QUANTO HAVIA EM TERRA, MAR E CÉUS,  
QUE INTERPRETANDO A SÓS A NATUREZA,  
DENTRO DE MIM ESPLÊNDIDO FULGIA,  
NUM CÍRCULO DE LUZ, TEU NOME, Ó DEUS!

MANUEL DE ARRIAGA

# "estai vós apercebidos"

## Emenda para proteger os observadores do sábado

MERCHANTVILLE, E. U. A. — O Dr. Samuel A. James, dirigente nacional da Aliança do Dia do Senhor, pediu que se fizesse uma emenda ao Código dos Direitos Cíveis, para proteger os direitos dos trabalhadores que observam o sábado. Expressou o seu apoio a uma lei que exercesse maior pressão sobre os empresários para se acomodarem às observâncias ou práticas religiosas dos seus empregados.



## Bíblias oferecidas para uma cruzada de Billy Graham

NOVA IORQUE — A Sociedade Bíblica Americana deu 1.862.000 Bíblias para serem usadas em conexão com a cruzada evangelística de Billy Graham, em Novembro passado, em Manila, nas Filipinas. Informa o secretário-geral daquela sociedade, Dr. Laton E. Holmgren, que a oferta incluiu 10.000 exemplares da versão «Boas Novas» e 40.000 exemplares de Novos Testamentos «Boas Novas para o Homem Moderno».

As Bíblias foram entregues aos pastores e «conselheiros» que assistiram ao curso de preparação para a cruzada. As pessoas que tomavam uma decisão por Cristo recebiam um Novo Testamento. Outras Bíblias foram entregues a residentes em Manila, como parte da sua preparação para a cruzada. — *Review and Herald*

## Rejeitado um apelo para que se fizesse a reconversão de plantações de tabaco

FAYETTEVILLE, E.U.A. — Os delegados da Conferência da Carolina do Norte da Igreja Metodista Unida votaram contra uma resolução que apelava para a reconversão de terrenos ocupados por plantações de tabaco para a produção de alimentos e vestuário.

Foi rejeitada numa proporção de 2 contra 1, esta proposta que havia sido preparada pela Divisão da Igreja e da Sociedade, daquela denominação.

Quando apresentou a resolução, Catherine Watson disse que os terrenos de tabaco deviam ser convertidos porque a população do mundo cresce mais rapidamente do que a possibilidade de satisfazer a necessidade de alimentos e porque os cigarros são prejudiciais à saúde.



## Impostos sobre actividades da Igreja

HARRISBURG, E. U. A. — As igrejas, organizações de caridade e associações de bombeiros da Pensilvânia estão sujeitas a um imposto de 6 % para o Estado em muitas das suas actividades de colheita de donativos, segundo um novo regulamento do Departamento de Receitas Públicas.

Sob a antiga regulamentação daquele departamento, tais organizações estavam isentas da referida colecta.

## SUMÁRIO

«estais vós apercebidos»  
ACÇÃO 78 Não Terminou  
Filosofia Adventista da Educação Cristã  
Para um Conceito Adventista de Inspiração — O PROFETA DÁ TESTEMUNHO  
O Conceito Bíblico do Laicado  
Notícias Sobre Educação  
Congresso Internacional da Juventude Adventista  
Notícias do Campo  
A Mensagem Adventista no Mundo  
Breves Notícias do Mundo Adventista

## revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

ABRIL 1978

ANO XXXIX

N.º 379

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO  
S. A. R. L.

Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFACIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
SACAVÉM

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

### Preços:

Assinatura Anual ..... 70\$00  
Número avulso ..... 7\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

# ACÇÃO 78 Não Terminou

Durante o mês de Março realizaram-se em diversas das nossas igrejas campanhas integradas no plano Acção 78—umas com entusiasmo contagiante, notável número de visitas e elevado número de decisões; outras menos brilhantes, em parte devido às circunstâncias do meio em que tiveram lugar e em parte a faltas de ordem interna.

Em Abril, Maio e até noutros meses outras campanhas se realizarão, quanto mais tarde com menos probabilidade de êxito.

Uma coisa, porém, é certa. Se se limita Acção 78 à série de reuniões da campanha, temos perdido a noção do que Acção 78 significa.

Com efeito, Acção 78 é a mobilização de todas as forças vivas da igreja para o cumprimento da missão que lhe foi confiada pelo próprio Mestre.

Acção 78 implica a execução integral do plano EFIDAM e de todos os aspectos do Departamento de Actividades Leigas; convida a um exame consciencioso da eficiência da Escola Sabatina como escola bíblica para toda a Igreja e de instrumento de evangelização por equipas; dá por assente que o Departamento de Jovens não representa apenas um esforço da igreja em favor dos seus jovens mas uma organização dinâmica de jovens da igreja em favor de jovens não adventistas. Nenhum departamento pode alhear-se de Acção 78: o Departamento de Educação tem uma parte importante a desempenhar no lar e na escola; o Departamento dos Meios de Comunicação Social tem um amplo campo de possibilidades à sua frente; o Departamento de Publicações tem um chamado urgente à função evangelizadora das suas actividades;

o Departamento de Temperança não se considera tão autónomo que os seus planos passem por não ter qualquer vínculo com a Igreja Adventista.

Mas o que sobretudo interessa ao falar de Acção 78 é a maneira como nos relacionamos com as pessoas que durante a Campanha nos visitaram e sobretudo com as que manifestaram interesse em continuar estudando a mensagem.

É com frequência que amontoamos nomes e endereços, deixamos passar semanas, e quando então contactamos com essas pessoas, encontramos-nos com pessoas decepcionadas, cujo interesse se desvaneceu, precisamente por que as abandonámos no momento psicologicamente mais favorável para obter a sua adesão.

Se, sob o ponto de vista de relações humanas, se trata de uma falha, que qualquer empresa comercial procura evitar, sob o ponto de vista de pregadores do Evangelho constitui mais do que uma falha—diríamos um pecado de que depende o destino eterno de uma alma.

Toda a pessoa que nos confiou o seu nome com o desejo de que a encaminhe à salvação é um depósito sagrado de que devemos sentir-nos responsáveis.

O que importa não é que Acção 78 seja mais ou menos brilhante; o que realmente interessa é que nenhuma alma que veio até nós em busca de auxílio espiritual seja deixada ao abandono.

ERNESTO FERREIRA



# FILOSOFIA ADVENTISTA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

## DEFINIÇÃO GERAL DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

A filosofia é a tentativa constante do homem para compreender e definir pela inteligência o mundo no qual nós vivemos e do qual nós fazemos parte. É o esforço fornecido em vista da resolução dos problemas fundamentais, de abraçar o universo no seu conjunto, de responder aos problemas que constituem a origem, a natureza e o destino da matéria, da energia, da vida, do espírito, do bem e do mal.

O fundamento, o funcionamento e a justificação de todo o sistema educativo deveriam surgir de uma sã concepção de Educação. Entende-se por esta, uma atitude característica relativamente à educação e seus problemas, e particularmente aos objectivos a alcançar, e aos métodos que permitam o seu bom êxito. Ela requer uma compreensão clara da origem, da natureza e do destino do homem.

A filosofia de educação é proveniente da filosofia geral da vida, do homem, da sociedade, do conhecimento e do universo. É ela que determina a maneira pela qual todo o programa escolar é estabelecido e conduzido para o bem. O género de escolas a fundar, a sua localização, o género de professores, o programa de estudos e os livros, as actividades espirituais, manuais, a vida social, os programas recreativos, o horário quotidiano, as questões financeiras e a direcção da biblioteca, tudo isso depende da nossa filosofia de educação.

### Filosofia de educação dos Adventistas do Sétimo Dia

Para os Adventistas do Sétimo Dia, o supernaturalismo é a base da concepção da educação. Eles crêem que os alunos são os filhos de Deus e os seus professores os servos de Deus. As suas instituições escolares são consequentemente obrigadas a conformar-se com o espírito e a vontade de Deus

que lhe são dados a conhecer pela revelação. A igreja instituiu um sistema escolar a fim de assegurar aos seus jovens uma educação equilibrada que abrange os domínios religioso, intelectual, social, físico e profissional em harmonia com os princípios e o ideal da denominação, sendo Deus a fonte de todo o valor moral e de toda a verdade.

Se os Adventistas do Sétimo Dia possuem as suas próprias escolas — elementares, secundárias e superiores — é com o objectivo preciso de transmitir aos seus filhos os ideais, as crenças, as atitudes, as apreciações, os hábitos e os costumes que lhes são próprios. O governo dispõe de um sistema escolar distinto para formar bons cidadãos; contudo, os adventistas desejam que os seus filhos sejam não somente bons patriotas, cidadãos respeitadores das leis do país, mas também leis adventistas. Se se quer que eles subsistam, todo um conjunto de conhecimentos, de apreciações e ideais particulares da igreja deve ser transmitido às crianças. Agimos assim, pelo princípio bíblico de transmissão no seio da sociedade: «Contem-no aos vossos filhos, e que os vossos filhos o contem aos seus filhos, e os seus filhos à geração que se seguirá.» — Joel 1:3.

O verdadeiro conhecimento de Deus, a comunhão com Ele pelo estudo, o serviço e o desenvolvimento do carácter à semelhança do Seu são, respectivamente, a fonte, o meio e o objectivo da educação adventista.

### Definição geral dos objectivos principais da educação

O programa educativo da Igreja acentua, em primeiro lugar, o fundamento espiritual da vida da juventude. Além disso ele favorece grandemente a aquisição e a interpre-

tação daquilo que convém reter do conjunto de conhecimentos seculares correntes.

A Igreja Adventista deseja, pelo seu programa educativo, preparar os jovens para o seu papel efectivo de cidadãos, cá na terra, assim como o de cidadãos da nova terra, o que constituirá a sua recompensa.

## Os nossos objectivos

Na medida em que a escola se aproxima dos ideais de que acabámos de falar, a conduta dos alunos deveria apresentar as características seguintes:

### A. OBJECTIVO RELIGIOSO:

1. Os alunos adoptarão a filosofia, os objectivos e os princípios adventistas, baseados na Escritura; estes inspirarão o seu modo de vida, que se traduzirá pela seguinte conduta:

- a) Darão prova de bondade, de altruísmo, de paciência, de generosidade, de caridade para com os seus amigos, bem como para com os seus inimigos e estrangeiros.
- b) Colaborarão de boa vontade e inteligentemente com os outros estudantes em vista do desenvolvimento da vida espiritual e social da escola.
- c) Participarão voluntariamente nas actividades missionárias da escola junto do grande público.
- d) Praticarão regularmente os exercícios pessoais de piedade.
- e) Mostrar-se-ão íntegros e de uma lealdade indefectível para com o espírito dos dez mandamentos.

2. Os estudantes darão prova de uma boa compreensão das Escrituras e estarão familiarizados com a doutrina da Igreja como o indicarão:

- a) As suas respostas exactas aos exames escritos e orais sobre assuntos religiosos.
- b) Os estudos bíblicos e doutrinas que eles darão às pessoas interessadas.

3. Os alunos adquirirão as qualidades necessárias para assumir na igreja responsabilidades de chefes a diversos níveis:

- a) Presidindo e participando nas reuniões de estudantes e nas reuniões espirituais da juventude.

- b) Assumindo uma parte de responsabilidade no que respeita às decisões dos conselhos de que são membros.

### B. OBJECTIVOS INTELECTUAIS:

1. Os alunos mostrarão que compreendem, de um ponto de vista bíblico e na perspectiva histórica, o jogo das forças religiosas, políticas, sociais, económicas e científicas que modelam a sociedade contemporânea:

- a) Interpretando a actualidade mundial à luz da profecia bíblica.
- b) Reconhecendo o dedo de Deus no desenrolar dos acontecimentos da vida quotidiana.

2. Os alunos visarão obter um intelecto de uma qualidade superior que se manifestará:

- a) Pela capacidade de pensarem profundamente, de agirem com habilidade e vigor, não se limitando a reflectir o pensamento dos outros.
- b) Pela coragem de serem pioneiros no domínio do espírito, em vista do aperfeiçoamento do homem e da glória de Deus.
- c) Na posse do património comum de um conhecimento secular apropriado, e dos meios de se cultivarem.
- d) Pela faculdade de resolverem os problemas da vida prática.

### C. OBJECTIVOS PROFISSIONAIS:

1. Os estudantes escolherão uma especialidade técnica ou liberal para a qual se prepararão e que fará deles empregados competentes da denominação ou excelentes cidadãos da sua comunidade.

2. Os estudantes respeitarão a dignidade de trabalho e provarão o seu senso das responsabilidades em relação com os seus valores económicos:

- a) Participando voluntariamente, com firmeza e respeito próprio, independentemente da sua posição social, no trabalho manual e noutras ocupações propostas pela escola.
- b) Esforçando-se por conseguir uma execução tão perfeita quanto possível, qualquer que seja a tarefa que lhe seja confiada; desenvolverão, para esse efeito, pelo exercício, o bom senso, o espírito de iniciativa, a confiança em si próprios, o senso prático e a honestidade.

- c) Respeitando a propriedade de outrem concedendo-lhe a mesma consideração que concederiam aos seus próprios bens.

#### D. OBJECTIVOS SOCIAIS:

1. Os estudantes formarão personalidades e caracteres firmes, a exemplo do de Cristo:

- a) Reconhecendo o valor infinito dos seus semelhantes e o seu direito ao respeito.
- b) Ligando-se em amizade com os seus semelhantes sem o problema da sua origem social.
- c) Comportando-se em todas as suas relações sociais com a decência e o respeito que são próprios de uma atitude cristã.
- d) Manifestando tolerância em relação à opinião de outrem.

2. Os estudantes conformar-se-ão com os princípios sociais adquiridos, que eles defenderão e manterão:

- a) Esforçando-se por adquirir domínio próprio e disciplina pessoal, abstenendo-se de toda a forma de delinquência, e encorajando os outros, por preceito e exemplo, a fazer o mesmo.
- b) Assumindo funções sociais em conformidade com os princípios preconizados pela Bíblia e pelos escritos de Ellen G. White.

#### E. OBJECTIVOS CÍVICOS:

1. Os estudantes aceitarão plenamente as suas responsabilidades cívicas, o que os levará:

- a) A considerar o governo civil como uma autoridade divinamente estabelecida para proteger o homem no usufruto dos seus direitos naturais, pautar os assuntos civis, merecendo com isso, justamente, o respeito e a obediência de todos.
- b) A admitir o princípio da separação da Igreja e do Estado.
- c) A reconhecer que a prosperidade da democracia depende da integridade individual de cada um.
- d) A usar dos seus direitos civis, oralmente, por escrito e por voto, nos assuntos públicos em que princípios morais estejam em jogo.
- e) A ver na prática da caridade e na sua contribuição ao bem público a obediência ao princípio cristão que quer que todo o crente ame o seu próximo como a si mesmo.

#### F. OBJECTIVOS RESPEITANDO A SAÚDE FÍSICA E MENTAL:

1. A justa compreensão da relação subtil que existe entre o espírito e o corpo, pertencendo ambos ao Criador permitirá aos estudantes adquirir uma vida espiritual profunda e belas qualidades mentais. Isto conduzi-los-á:

- a) A não usar senão os produtos susceptíveis de assegurar a sua saúde.
- b) A mostrar-se temperantes e moderados em todos os domínios.
- c) A fazer todos os dias exercício físico.
- d) A viver de maneira sã, se possível na natureza.
- e) A repousar conveniente e regularmente.
- f) A cultivar hábitos sãos de reflexão.
- g) A favorecer a saúde mental pela sociabilidade e serviço cristãos.

#### Caracteres distintivos da educação dos Adventistas do Sétimo Dia

A educação adventista é um sistema único possuindo caracteres distintivos que deveriam ser cuidadosamente examinados, num espírito de oração, se se quer compreender de que maneira será necessário aplicá-los nas nossas escolas hoje.

É necessário apressar-se a introduzi-los no programa escolar a fim que Deus possa conceder ao corpo administrativo, ao corpo docente e aos estudantes, ricas bênçãos jamais obtidas nos domínios espirituais e educativos.

Um grande número destes traços distintos são visíveis nas nossas escolas, mas há outros que aí não se encontram ainda.

Eis uma enumeração parcial das características da educação adventista:

1. O Espírito Santo deveria fazer sentir a sua influência em cada classe e em cada assembleia.

2. Os estudantes compreenderão qual é a sua relação com Deus aprendendo:

- a) A orar.
- b) A dirigir-se ao seu Criador como convém.
- c) A exercer a sua fé n'Ele.
- d) A compreender os ensinamentos do Seu Espírito e a obedecer-Lhe.

3. Os frutos do Espírito manifestar-se-ão na vida dos estudantes pela honestidade, bondade, cortesia, obediência e respeito.



4. O programa escolar revelará que ele possui o cunho de Deus pela importância do lugar que reservará:

- a) Ao estudo das obras da denominação, dos livros que tratam de assuntos bíblicos e da poesia sagrada.
- b) À geografia dos territórios missionários.
- c) À história, interpretada à luz da Bíblia.
- d) À agricultura e aos ramos industriais.
- e) Ao estudo do corpo como templo de Deus: o seu funcionamento, as suas necessidades alimentares, os cuidados a tomar e as atitudes mentais a adoptar.
- f) Ao estudo da criação e da geologia.
- g) Ao estudo da natureza como segundo livro de Deus.

5. O programa escolar propor-se-á contrariar a influência do mundo mantida pela atribuição de honras como recompensa de boa cultura intelectual.

6. O programa da educação insistirá particularmente sobre a necessidade de afrontar os acontecimentos que se produzirão aquando do último e iminente conflito que virá sobre o mundo. Dar-se-á aos estudantes, para esse efeito, uma preparação permitindo-lhes:

- a) Testemunhar, nas assembleias legislativas, perante os chefes do governo, nos conselhos de Estado, e perante os reis.
- b) Estar bem informados no que respeita às leis do domingo e às suas consequências.
- c) Subsistir quando tiverem que fugir das cidades.
- d) Compreender bem quais as condições requeridas para receber a chuva serôdia.
- e) Afrontar resolutamente os movimentos religiosos fundados sobre o erro, assim como o espiritismo.

7. Sendo o sábado o sinal distintivo dos Adventistas, nos últimos tempos, dever-se-ia insistir particularmente sobre a importância de o observar convenientemente.

8. Os estudantes preocupar-se-ão activamente com o bem espiritual dos seus camaradas e da comunidade, pois o serviço cristão — cadeia de ouro que nos liga ao Salvador — é o que dá à vida cristã o seu valor.

9. A vida social tornará os estudantes aptos a ser cidadãos do céu:

- a) Suprimindo de toda a vida da escola, inclusive o programa recreativo, o espírito de competição doentio.

b) Prevendo uma vigilância e uma direcção sensata dos encontros de estudantes que favoreçam o espírito de grupo mais do que as relações individuais entre rapazes e raparigas.

c) Preconizando o uso de roupa adequada e uma apresentação cuidada digna da companhia dos anjos.

10. A música é destinada a dirigir o espírito aos temas nobres, assim como a inspirar e elevar a alma.

11. Ensinando os estudantes a darem sistematicamente as suas ofertas e dízimos, faz-se desaparecer neles todo o egoísmo — esse defeito que estreita a vida — a cultivar a grandeza de espírito e a nobreza de carácter, e a fazer-lhes reconhecer que Deus é o Senhor supremo de todas as coisas.

12. Ensinar-se-á a dignidade do trabalho pela colaboração dos professores e dos alunos num programa quotidiano de actividade manual.

13. Que onde for possível, as escolas sejam situadas longe dos sectores muito povoados ou com grande tráfico comercial, mas num quadro natural favorecendo as boas relações dos alunos entre eles e com Deus.

14. A limpeza e a beleza dos edifícios atrairão a presença dos anjos e constituirão aos olhos dos estudantes uma imagem da beleza e da ordem que reinam nos céus.

15. Todas as reuniões recreativas, todos os programas escolares especiais e todas as publicações feitas por alunos terão temas discretos, sóbrios e nobres.

16. Dever-se-ia ensinar aos estudantes uma linguagem digna da sua profissão de fé.

17. O conselho do apóstolo Paulo: «Procura apresentar-te a Deus aprovado» conduzirá os estudantes a dedicar-se voluntariamente em grupos ou individualmente — à oração e ao estudo do Espírito de Profecia, a fim de se fortalecerem em vista dos dias de crise que estão para vir.

A lista acima referida não sublinha senão certos elementos-chave da educação prática que foram negligenciados a diversos níveis. As passagens citadas não são senão pequenas partes do tesouro escondido que todo o grupo de estudo diligente poderia descobrir se a isso se desse ao trabalho. O pôr em prática estes princípios será uma fonte de grande bênção pois, aos olhos do mundo, isso dará à educação cristã a posição que ela tem de direito. Os estudantes que viverem segundo estes princípios não se sentirão estranhos na escola do céu.

# O PROFETA DÁ TESTEMUNHO

— Por ARTHUR L. WHITE —

Há dois aspectos na experiência do profeta — a visão em si mesma e o acto de dar testemunho daquilo que foi revelado em visão. Uma vez recebida, a mensagem deve ser comunicada pelo profeta através da linguagem mais correcta que este tenha à sua disposição.

O profeta pode ter facilidade em empregar palavras que exprimam satisfatoriamente a mensagem, ou pode ter necessidade de estudar diligentemente para encontrar palavras adequadas para exprimir a mensagem de maneira correcta e que impressione. Em dada ocasião pode usar certas palavras e, noutra ocasião, outras palavras, para transmitir a mensagem. Enquanto escrevia *O Desejado de Todas as Nações*, a Sr.<sup>a</sup> White declarou: «Tremo com o receio de fazer parecer pouco importante o grande plano da salvação com palavras vulgares.» — *Messenger to the Remnant*, pág. 59. A transmissão da mensagem poderia sofrer algum prejuízo por ser a linguagem humana inadequada. Note-se este comentário de Ellen G. White:

«A Escritura Sagrada... foi escrita por mãos humanas e, no variado estilo dos seus diferentes livros, apresenta as características dos diversos escritores. As verdades são todas dadas por inspiração de Deus (2 Tim. 3:16); acham-se, contudo, expressas em palavras de homens. O Ser infinito, por meio do Seu Santo Espírito, derramou luz no entendimento e coração dos Seus servos. Deu sonhos e visões, símbolos e figuras; e aqueles a quem a verdade foi assim revelada concretizaram os pensamentos em linguagem humana...

«Escritos em diferentes épocas, por homens que diferiam largamente na posição social e ocupação, em dotes mentais e espi-

rituais, os livros da Bíblia apresentam vasto contraste no estilo, bem como diversidade na natureza dos assuntos explanados. Os vários escritores empregam diferentes formas de expressão; muitas vezes a mesma verdade é mais incisivamente apresentada por um do que por outro...

«Sendo apresentada por meio de indivíduos diferentes, a verdade é revelada nos seus vários aspectos. Um escritor impressiona-se mais fortemente com uma faceta do assunto; apanha os pontos que se harmonizam com a sua capacidade de percepção e apreciação; outro apreende um aspecto diverso; e cada qual, sob a direcção do Espírito Santo, apresenta o que mais vividamente lhe impressiona o espírito, resultando um aspecto diferente da verdade em cada um, mas uma harmonia perfeita no todo. E as verdades assim reveladas unem-se para formar um todo perfeito, adaptado de maneira a satisfazer as necessidades dos homens em todas as circunstâncias e experiências da vida.» — *O Grande Conflito*, págs. 11, 12.

Note-se a seguinte expressão: «Cada qual, sob a direcção do Espírito Santo, apresenta o que mais vividamente lhe impressiona o espírito.» Embora o profeta deva recorrer às suas faculdades de expressão quando apresenta a mensagem, o Espírito Santo está ao trabalho. Este é um ponto importante. Ellen White exprime-o deste modo: «Se bem que eu dependa tanto do Espírito do Senhor para escrever as minhas visões como para recebê-las, todavia as palavras que emprego ao descrever o que vi são minhas, a menos que sejam as que me foram ditas por um anjo, as quais eu sempre ponho entre aspas.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 37.



## Guiada pelo Espírito Santo

Respondendo a certas perguntas em 1860, ela tocou também neste ponto: «Certas ocasiões, aquilo que vi me é oculto depois que saio da visão, e não o posso evocar até que me encontre perante um grupo de pessoas no lugar a que se aplica a visão; então as coisas que vi me vêm com força à mente. Sou tão dependente do Espírito do Senhor ao relatar ou escrever uma visão, como ao ter essa visão. E-me impossível evocar o que me foi mostrado, a menos que o Senhor mo traga diante de mim ao tempo que é do Seu agrado que eu o relate ou escreva.» — *Ibid*, págs. 36, 37.

Este pensamento é novamente acentuado: «Mediante a inspiração do Seu Espírito, o Senhor deu aos Seus apóstolos uma verdade a ser expressa segundo o desenvolvimento da sua mente pelo Espírito Santo. A mente, porém, não é tolhida, como se forçada em determinado molde.» — *Ibid*, pág. 22.

O profeta, então, recebe a sua mensagem por meio de visões, quando se encontra totalmente sob a influência do Espírito de Deus. Dá o seu testemunho sob a influência do Espírito de Deus, mas não ao ponto de ser controlado mecanicamente, ou de ser forçado num certo molde. Em vez disso, comunica a mensagem da melhor maneira e do ponto de vista da sua formação e estilo, apelando particularmente às pessoas com formação semelhante à dele.

Em certas ocasiões, as próprias palavras que deve utilizar são impressionadas na sua mente pelo Espírito de Deus. Note-se o que declarou Ellen White numa carta de admoestação, depois de ter tratado de certas situações: «Estou procurando apanhar as próprias palavras e expressões que foram ditas em referência a este assunto e, enquanto a minha pena hesita um momento, vêm-me ao espírito as palavras apropriadas.» — Citado em *Ellen G. White Writings*, pág. 22.

Outra afirmação diz o seguinte: «Enquanto escrevo matéria importante, Ele (o Espírito Santo) está ao meu lado, ajudando-me..., e quando estou embaraçada para encontrar uma palavra que exprima exactamente o meu pensamento, Ele trá-la clara e distintamente ao meu espírito.» — Carta 127, 1902.

## Escrevendo História

A História foi apresentada a Ellen White como um fundo sobre o qual foi traçada a história da grande controvérsia. Na sua introdução a *O Grande Conflito*, ela diz como a controvérsia lhe foi apresentada: «Mediante

a iluminação do Espírito Santo, as cenas do prolongado conflito entre o bem e o mal foram patenteadas à autora destas páginas. De quando em quando foi-me permitido contemplar a operação, nas diversas épocas, do grande conflito entre Jesus, o Príncipe da vida, o Autor da nossa salvação, e Satanás, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei de Deus.» — Pág. 15.

Tem-se a impressão de que a sua experiência foi semelhante à de Moisés no Monte Nebo quando lhe foi mostrada a Terra Prometida: Ellen White descreve a experiência de Moisés de uma maneira vívida, em *Patriarcas e Profetas*: «Foi-lhe agora apresentada uma vista panorâmica da terra da promessa. Todas as partes do território estenderam-se diante dele, não desmaiadas e vagas à turva distância, mas mostrando-se claras, distintas e belas à sua visão deleitada. Naquele quadro foi ela apresentada, não como então se mostrava, mas como se tornaria com a bênção de Deus, sob a posse de Israel. Parecia estar a olhar para um segundo Éden. Havia montanhas revestidas dos cedros do Líbano, colinas pardacentas pelos olivais, e olentes pelo perfume das vinhas; amplas e virentes planícies a brilhar com flores, e abundantes em frutos; aqui as palmeiras dos trópicos, ali os campos ondulantes de trigo e cevada; vales risonhos, sonoros com o murmúrio dos regatos e o cântico dos pássaros, boas cidades e belos vergéis, lagos profusos na «abundância dos mares», rebanhos a pascerem nas colinas, e mesmo entre as rochas os acumulados tesouros da abelha silvestre...

«Moisés viu o povo escolhido estabelecido em Canaã, estando cada tribo em sua própria possessão. Teve uma perspectiva da sua história depois do estabelecimento na Terra Prometida; estendeu-se diante dele a história longa e triste da sua apostasia, e punição desta. Viu-os, por causa dos seus pecados, dispersos entre os gentios, estando afastada a glória de Israel, em ruínas a sua bela cidade, e o povo desta cativo em terras estranhas. Viu-os restabelecidos na terra dos seus pais, e finalmente trazidos sob o domínio de Roma.

«Permitiu-se-lhe olhar através da corrente do tempo, e ver o primeiro advento do nosso Salvador... Seguiu o Salvador ao Getsemani e viu a agonia no horto, a traição, a zombaria e os açoites — e a crucifixão... Mas olhou de novo, e viu-O saindo como vencedor, e subindo ao Céu acompanhado por anjos em adoração, e levando uma multidão de cativos.» — Págs. 499-501.

O quadro dramático continua, mas não precisamos de ir mais longe. Subjugado, Moisés assistiu ao desenrolar dos acontecimentos, vendo, ouvindo e participando, e, ao receber a mensagem, até o sentido do olfacto entrou

em função. Desta maneira vívida foi a história do futuro mostrada ao profeta. É pouco provável que lhe tenham sido reveladas datas. Não é provável que todos os nomes das cidades que viu tenham sido mencionados. Esses eram pormenores inconsequentes, sem importância primordial para o tema a ser revelado.

Teriam sido, em todos os casos, revelados a Ellen White, no mínimo pormenor, todos os nomes dos lugares e datas dos acontecimentos que ela viu? Tudo leva a crer que não. Ela viu acontecimentos ocorrerem — acontecimentos significativos por fazerem parte da história da controvérsia. Pormenores secundários e referências acidentais que não fossem básicos para a narração tinham menos importância. Algumas dessas informações poderiam ser determinadas a partir dos escritos sagrados, outras a partir de fontes comuns do conhecimento, como historiadores de confiança. Parece evidente que Deus, na Sua providência, não considerou essencial comunicar essas minúcias por meio de visão.

### Observações de W. C. White

O filho de Ellen White, W. C. White, descreve a sua experiência da seguinte maneira: «A minha mãe nunca pretendeu ser uma autoridade em história. As coisas que ela escreveu são descrições de quadros apresentados em *flash* e outras representações que lhe foram dadas relativamente às acções dos homens e à influência dessas acções sobre a obra de Deus para a salvação de homens, com aspectos da história passada, presente e futura, na sua relação com esta obra. Ao escrever sobre esses aspectos, ela fez uso de boas e seguras declarações históricas como auxílio na explanação, ao leitor, daquilo que se está esforçando por apresentar.

«Quando eu era um simples rapaz, ouvi-a ler ao meu pai a *História da Reforma*, de D'Aubigné. Ela leu-lhe uma grande parte, se não a totalidade dos cinco volumes. Leu outras histórias da Reforma. Isto ajudou-a a localizar e descrever muitos dos acontecimentos e movimentos que lhe foram apresentados em visão. Isto é de certo modo semelhante à maneira como o estudo da Bíblia a ajuda a localizar e descrever as muitas representações figurativas que lhe são dadas em relação com o desenrolar, nos nossos dias, da grande controvérsia entre a verdade e o erro.» — W. C. White, numa declaração feita no Concílio da Conferência Geral, em 30 de Outubro de 1911, citada em *Ellen G. White Writings*, pág. 33.

Poucos meses mais tarde, W. C. White afirmou o seguinte: «Relativamente aos escritos da minha mãe e ao seu uso como auto-

ridade sobre pontos de história e cronologia, a minha mãe nunca desejou que os nossos irmãos os tratassem como autoridade no tocante a pormenores da história ou datas históricas. As grandes verdades reveladas à minha mãe a respeito da controvérsia entre o bem e o mal, a luz e as trevas, têm-lhe sido dadas de várias maneiras, mas principalmente como visões, apresentadas em *flash*, de grandes acontecimentos na vida de indivíduos e nas experiências de igrejas, de grupos de reformadores e de nações...

«Quando escrevia sobre as experiências de reformadores no tempo da Reforma e no grande Movimento do Advento de 1844, a minha mãe muitas vezes dava inicialmente uma descrição parcial de alguma cena que lhe fora apresentada. Mais tarde escrevia a mesma de um modo mais completo, e ainda outra vez, de um modo ainda mais completo. Tenho conhecimento de ela ter escrito sobre um assunto quatro ou cinco vezes, lamentando-se depois por não poder dominar a linguagem de modo a descrever mais perfeitamente o assunto.

«Ao escrever os capítulos para *O Grande Conflito*, fazia algumas vezes uma descrição parcial de um acontecimento histórico importante e, quando a sua copista, que preparava os manuscritos para a tipografia, indagava acerca da data e do local, a minha mãe dizia que essas coisas estão registadas por historiadores conscienciosos. Faça-se a inserção das datas usadas por esses historiadores...

«Quando se escreveu *O Conflito*, a minha mãe nunca pensou que os leitores o tomassem como autoridade sobre datas históricas ou o utilizassem para desfazer qualquer controvérsia sobre pormenores da história, e ela agora não sente que deva ser usado dessa maneira. A minha mãe vê com grande respeito a obra desses fiéis historiadores que devotaram anos ao estudo do grande plano de Deus, tal como é apresentado na profecia, e da realização desse plano, como se encontra registada na história.» — W. C. White, carta a W. W. Eastman, 4 de Novembro de 1912.

Com respeito à história da Reforma, é significativa a seguinte declaração de Ellen White: «Têm sido apresentados na minha frente acontecimentos da história dos reformadores.» — Carta 48, 1894.

Está relacionada com isto a declaração de W. C. White, de que: «O contacto da minha mãe com pessoas da Europa trouxe-lhe à mente um grande número de coisas que lhe haviam sido apresentadas durante os anos passados, algumas delas duas ou três vezes, e outras cenas muitas vezes.» — Citado em *The Ellen G. White Writings*, pág. 124.

(Continua no próximo mês)



# O CONCEITO BÍBLICO DO LAICADO

Por JOHN FOWLER

*The Ministry*, Dezembro/1977

Porque não estamos nós como igreja empregando eficazmente os nossos leigos? Será porque eles são incapazes de se tornarem bons ganhadores de almas? Muito pelo contrário. Ampla evidência estabelece o facto que, empregados com propriedade, os leigos são muitíssimo eficazes.

Gottfried Oosterwal descreve o eficaz trabalho dos leigos no mundo oriental da seguinte forma: «O crescimento maciço da igreja na década de sessenta não veio primeiramente de grandes campanhas de evangelização ou do trabalho de ministros bem preparados. Foi o resultado do trabalho de membros leigos» (1).

No seu livro *Uma História das Missões Cristãs* Stephen Neill nota que uma grande parte do trabalho da igreja primitiva foi feito por leigos, não excluindo mesmo o estabelecimento de igrejas. Salientando que todos os membros da igreja estavam envolvidos no testemunho da igreja, adiciona: «Onde quer que houvesse cristãos havia uma fé viva, abrasadora e, dentro de pouco tempo, uma comunidade cristã em expansão. Em tempos posteriores, as grandes igrejas tentaram ao máximo estabelecer a sua origem apostólica, isto é, ter um apóstolo como fundador, porque isso era um reconhecido certificado de respectabilidade. Mas, em verdade, poucas, ou nenhuma, das grandes igrejas foram realmente fundadas pelos apóstolos. Não há nada de mais notável do que o anonimato destes primeiros missionários» (2).

Não só aceitamos o facto que os leigos podem fazer um trabalho eficaz, como reconhecemos que a obra de Deus na terra não se terminará «enquanto os homens e as mulheres que compõem as nossas igrejas não se juntarem para trabalhar e unirem os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja» (3). A mesma pena inspirada diz-nos que «centenas de homens e mulheres agora ociosos podiam fazer serviço aceitável... (Deus) usará cristãos humildes e dedicados mesmo que não tenham recebido uma instrução tão completa como outros» (4).

Com um potencial como o existente nos membros registados nas nossas igrejas, porque razão não os temos usado mais comple-

tamente? Em alguns casos tem simplesmente havido falta de confiança na capacidade dos membros da igreja para serem ganhadores de almas. Em consequência disto, temos impedido muitos que têm exprimido o desejo de fazer trabalho evangelístico pessoal e público.

Ellen G. White apresenta esta verdade de forma directa: «Se pessoas de vida humilde fossem animadas a fazer todo o bem de que fossem capazes, se mãos inibidoras não fossem colocadas sobre elas para reprimir o seu zelo, teríamos cem obreiros para Cristo onde há apenas um» (5).

## Será isto o resultado de uma ênfase demasiada em evangelismo?

A grande ênfase que temos vindo a dar a reuniões evangelísticas públicas tem possivelmente eclipsado a importância do envolvimento dos leigos. Se se define evangelismo como o trabalho do «evangelista público» que é assistido pelas igrejas uma ou duas vezes no ano, que fica então para os membros fazerem enquanto o evangelista está noutra campo?

Uma outra razão que nos tem levado a não treinar e usar cuidadosamente os nossos leigos é o que Oosterwal nomeia «a ideia de mais-três-meses-e-então-a-ceifa» (6). Embora acreditemos viver nas últimas horas da história deste mundo, também aceitamos o facto de que «um dia é para o Senhor como mil anos e mil anos como um dia» (2 Pedro 3:8). Exigimos edifícios para durar 100 anos. Porque não treinamos os nossos leigos como se fôssemos permanecer aqui esse tempo? De facto, poderemos vir a ficar aqui mais do que 100 anos se não treinarmos e usarmos os nossos leigos na grande obra de evangelismo.

De todas as razões para não usar os nossos leigos como deve ser, há provavelmente uma que impede este esforço mais do que qualquer outra — a nossa teologia do laicado. A teologia constitui uma influência potente na sociedade. Afecta fortemente toda a crença e conduta. Se a nossa teologia estiver errada



ou confusa, o resultado será vasta confusão e erro.

Dois teologias básicas governam a nossa atitude para com os leigos. Uma é calvinista, a outra arminiana. O historiador eclesiástico Williston Walker diz que o arminianismo foi uma reacção contra «o rigor do calvinismo» e que «se manifestou numa ênfase sobre os aspectos mais práticos da religião» (7).

Contra a doutrina calvinista da predestinação absoluta, o arminianismo ensinou uma predestinação baseada na presciência divina do uso que os homens fariam dos meios da graça. Opunha-se também à distinção rígida entre o clero e o laicado feita pelo calvinismo. Esta distinção não foi feita pelo próprio Calvino mas reflecte um desenvolvimento posterior do calvinismo.

Embora o arminianismo nascesse na Holanda, teve a sua maior influência na Inglaterra devido aos trabalhos de João Wesley. Um dos seus aspectos práticos era o conceito da unidade de ministros e leigos. Esta teologia arminiana deu origem à «pregação leiga», visto que não fazia distinção entre leigos e clero e ensinava que todos os crentes devem trabalhar a favor da salvação da humanidade. Em geral, os Adventistas do Sétimo Dia têm sido arminianos em teologia. Esta ascendência remonta provavelmente à forte influência metodista nos primórdios da igreja Adventista do Sétimo Dia e à nossa crença que a teologia arminiana está mais de acordo com a Bíblia do que o calvinismo.

A teologia arminiana tem os seus oponentes. D. Martyn Lloyd-Jones desbanca-a como «não teológica». Inclina-se para uma teologia calvinista reformada que rejeita o conceito da «pregação leiga», crendo que a pregação leiga moderna teve a sua origem no arminianismo. No seu livro *Preaching and Preachers* (Pregação e Pregadores), declara: «Foi a mudança de teologia, no século passado, dum atitude calvinista reformada para uma atitude essencialmente arminiana que deu origem ao aumento da pregação leiga» (8).

A pregação é um acto que pode ser feito apenas por alguém que é «chamado por um acto especial de Deus», acto que não está incluído no chamado para ser um seguidor de Cristo. Se uma pessoa não receber este chamado, deve fazer outra coisa qualquer mas não pregar. Mas exactamente que deverá essa pessoa fazer não é muito claramente definido por Lloyd-Jones.

## O ponto de vista bíblico do laicado

A distinção rígida entre o pregador e os outros membros da igreja está hoje a ser cada vez mais combatido. A minha opinião é que os críticos deste conceito estão sobre firme terreno teológico.

O termo *laicado* tem sido frequentemente usado em contraste com o termo *clero*. O primeiro denota o papel do membro de igreja que não é empregado pela igreja; o segundo define o papel do que é empregado nos serviços da igreja. Isto não pode conduzir senão à ideia que a responsabilidade primária do trabalho da igreja cabe ao clero. Contudo, o ponto de vista bíblico do laicado é muito diferente. No Novo Testamento, a forma singular da palavra *laos* é usada, quase exclusivamente, em referência à igreja como povo de Deus. (Ver Hebreus 4:9; 11:25; 1 Pedro 2:10).

Uma característica muito importante do ponto de vista bíblico do laicado é aqui salientada. Esta palavra não se refere a um grupo dentro da igreja mas a toda a igreja. *Laos*, quando usado no contexto da igreja, significa literalmente: «O povo de Deus». Não é usado em qualquer texto para contrastar pessoas na igreja.

Gottfried Oosterwal desenvolve este ponto claramente, dizendo: «Os termos laicado e clero são usados na Bíblia para denominar um mesmo povo. Estas palavras não são opostas, nem mesmo distintas uma da outra. O laicado é o clero. Como povo escolhido de Deus, são chamados laicado» (9).

À continuação, ele mostra a distinção própria entre estes dois termos, levando-nos a ver mais claramente o papel que deve ter todo o membro da igreja: «Poderíamos também dizer que o termo laicado salienta em especial os privilégios de ser escolhido por Deus do meio de muitos outros para a *exaltada condição de povo de Deus*, separado e diferente do mundo; enquanto que o termo clero salienta em especial a função e o papel do laicado, nomeadamente de partilhar o seu dom da graça com outros. Laicado representa a condição de povo de Deus. Ministério é a sua função» (10).

O conceito de que todo o membro da igreja é um ministro parece ter constituído o estímulo para alguns dos grandes movimentos de êxito na história da igreja cristã. A Reforma do século dezasseis, o grande reavivamento do tempo de João Wesley, a obra do movimento milerita do século dezanove e o da igreja Adventista do Sétimo Dia reflectem todos esta mesma ênfase.

Martinho Lutero escreveu: «Todo o homem cristão é um sacerdote e toda a mulher cristã é uma sacerdotisa, sejam jovens ou velhos, patrões ou servos, senhoras ou criadas, cultos ou iletrados. Falando com propriedade, todos os cristãos são membros da ordem eclesiástica e toda a diferença que existe entre eles é a das diferentes funções que tenham a desempenhar» (11).

Oosterwal desenvolve a ideia que, por ocasião do baptismo, todo o crente é consagrado

ao ministério e recebe o dom do Espírito Santo para realizar o ministério. Este conceito baseia-se no relato do baptismo de Jesus. Nesta ocasião Ele foi consagrado ao Seu ministério e recebeu o Espírito Santo. Além disso, os escritos de Paulo parecem suportar esta ideia. No quarto capítulo de Efésios, ele fala do corpo de Cristo, a igreja, e dos dons que lhe foram concedidos. No versículo 12, declara que estes dons são «para equipar o povo de Deus para o trabalho no seu serviço» (N. E. B.).

Falando persuasivamente sobre o chamado para o ministério recebido por toda a pessoa baptizada, Oosterwal adianta: «Ser baptizado no baptismo de Jesus significa não só a confirmação da parte de Deus que somos membros do Seu povo escolhido, o laicado, mas também a nossa consagração ao ministério»<sup>(12)</sup>.

Ele argumenta convincentemente a favor de uma igreja leiga, declarando que a redescoberta deste conceito poderia muito bem ser a chave para a terminação da obra na década de setenta. Se a igreja primitiva era uma igreja leiga, então nós que dizemos ser o remanescente deveríamos por todos os meios conformar-nos ao modelo original.

## A posição de Ellen White

A teoria e a prática são coisas diferentes. Ellen White não só apoia solidamente este conceito de igreja leiga como descreve um programa conciso destinado a conseguir um tal objectivo. Tem havido, porém, alguma confusão sobre qual a sua opinião nesta área. Alguns têm colocado ênfase demasiada sobre uma ou duas citações isoladas que tendem a obscurecer o conjunto. Segue uma dessas citações: «Os nossos ministros não devem gastar o seu tempo trabalhando pelos que já aceitaram a verdade... Aqueles que tomam a sua decisão pela verdade devem ser organizados em igrejas e então o ministro deve passar adiante a outros campos igualmente importantes»<sup>(13)</sup>.

Estas declarações não reflectem o amplo programa que Ellen White recebeu para o trabalho dos ministros da igreja Adventista do Sétimo Dia. Em *Obreiros Evangélicos* ela escreve: «Ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns na fé, o ministro deve não tanto buscar, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja para prestarem uma colaboração proveitosa»<sup>(14)</sup>.

Ela comparou também o pastor a um encarregado, supervisor, ou superintendente de uma obra, cuja tarefa é treinar e guiar os que estão sob a sua direcção na realiza-

ção da tarefa. Notemos o seu plano: «Nalguns aspectos o pastor ocupa uma posição semelhante à de um encarregado de um grupo de trabalhadores ou à de um capitão da tripulação de um navio. Espera-se deles que façam com que os homens sob a sua direcção realizem, correcta e prontamente, a obra que lhes foi designada, e só em caso de emergência devem eles executar em detalhe»<sup>(15)</sup>.

Os Adventistas do Sétimo Dia possuem um abundante número de programas designados para instrução e emprego dos nossos leigos. Se os líderes da igreja compreenderem a importância dos leigos no trabalho do ministério e começarem seriamente a treiná-los será realizada uma grande obra, saúde e vitalidade virão à igreja, evangelismo tornar-se-á uma parte vital do programa total da igreja, uma multidão de almas será ganha e o dia do Senhor virá.

Ellen White apresenta o quadro emocionante da obra que em breve será uma realidade na igreja Adventista do Sétimo Dia: «Em todos os campos, perto e longe, homens serão chamados do arado e das mais comuns ocupações de negócios comerciais que grandemente ocupam a mente e serão educados em ligação com homens de experiência. Ao aprenderem a trabalhar com eficácia proclamarão a verdade com poder. Por intermédio dos mais maravilhosos milagres da providência divina, montanhas de dificuldades serão removidas e lançadas no mar. A mensagem que significa tanto para os habitantes da terra será ouvida e compreendida. Os homens saberão o que é a verdade. De progresso em progresso a obra avançará até que toda a terra seja advertida. Então virá o fim»<sup>(16)</sup>.

N. E. B. The New English Bible.

(1) Gottfried Oosterwal, *Mission: Possible* (Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1972), p. 63.

(2) Stephen Neill, *A History of Christian Missions* (Baltimore: Penguin Books, 1971), p. 24.

(3) Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 9, p. 117.

(4) *Ibid.*, vol. 7, p. 21.

(5) *Ibid.*, *The Desire of Ages*, p. 251.

(6) Oosterwal, *op. cit.*, p. 62.

(7) Williston Walker, *A History of the Christian Church* (New York: Charles Scribner's Sons, 1959), p. 399.

(8) D. M. Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers*, p. 101.

(9) Oosterwal, «The Role of the Laity», *Andrews University Focus*, vol. 9, n.º 3, supplement (July, August, 1973).

(10) *Ibid.*

(11) Quoted in *The Lay Preacher and His Work* (Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1940), p. 9.

(12) Oosterwal, «The Role of the Laity».

(13) White, *Testimonies*, vol. 7, pp. 19, 20.

(14) White, *Gospel Workers*, p. 196.

(15) *Ibid.*, p. 197.

(16) *Ibid.*, *Testimonies*, vol. 9, p. 96.



# NOTÍCIAS

## SOBRE EDUCAÇÃO

MARIA AUGUSTA LOPES

1978 — Ano da Educação!

«Ensina a criança no caminho em que deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele.» Prov. 22:6.

Esta linguagem é positiva. O ensino recomendado é relativo a dirigir, educar e desenvolver a criança. E mais do que preparar crianças para o exame, é ensinar-lhes tudo o que é bom, virtuoso, justo e que conduz ao céu. Envolve a prática do amor para com Deus e de uns para com os outros.

Presentemente a Igreja está-se preocupando de uma maneira especial em pôr em prática os ensinamentos do Espírito de Profecia, no que se refere à Educação. Mas ainda estamos no começo.

Temos em Lisboa uma Escola, que não tem de maneira nenhuma condições no que diz respeito a instalações para ser um modelo de escolas adventistas, mas... e cito um pouquinho de uma redacção do Miguel Ângelo, do 2.º ano, não adventista, que escreve: «O nosso colégio é bom porque nos ajuda a ficarmos mais perto de Deus e a não pecarmos contra Deus. Devia ter mais condições e equipamentos didácticos... O nosso colégio não tem mais alunos porque não tem mais espaço» — e eu acrescento que é com tristeza que digo a alguns Pais que o seu filho já não cabe na escola e que por isso tem de continuar no estabelecimento de ensino oficial, com todas as desvantagens já demasiado conhecidas.

É urgente mudarmos de instalações, dado que elas nos impediram, no ano passado, de usufruirmos do «paralelismo pedagógico», que consiste em fazer os exames na escola e esta funcionar autónoma, sem depender da escola oficial. Graças a Deus, este ano foi-nos novamente concedido, a título excepcional já depois do prazo estabelecido, para o que certamente contribuíram as orações de um grupo de alunas do 7.º ano, que a partir daqui ficaram confiantes de que realizariam os seus exames na escola.

Foi agradável, no Natal, presenciarmos a festa dos alunos, na Igreja Central. Eles levaram a boa colaboração, que resultou numa festa que consideramos esplêndida, como também imensos familiares não adventistas.

Fazemos o melhor para que os nossos filhos formem o seu carácter na integridade, fora de influências corruptoras. Contamos para isso com a colaboração de cada Pai e, sobretudo, com as vossas orações.



## CONGRESSO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE ADVENTISTA



Lausanne

25 - 29 Julho 1978



## Há 50 anos, eram 1800 Jovens vindos de todos os países da Europa

Possivelmente já o sabeis, mas talvez alguns ainda não saibam! Este ano celebraremos o jubileu do primeiro Congresso Internacional da Juventude Adventista. Efectivamente este Congresso teve lugar na Europa exactamente há 50 anos!

Foi no início do ano de 1927 que se considerou a possibilidade, pela primeira vez, de um congresso internacional da juventude adventista. No fim desse mesmo ano, os irmãos responsáveis tomaram a resolução de organizarem esta grande manifestação em Chemnitz, hoje cidade de Karl-Marx, na República Democrática Alemã, de 17 a 22 de Julho de 1928. Um anúncio e um artigo publicado na Revista Adventista dos diferentes países europeus, foi suficiente para levantar o entusiasmo dos jovens da época e levá-los a uma participação maciça neste Congresso. Apesar dos seus reduzidos meios monetários, 1800 jovens, delegados, participaram representando 26 nações. Muitos outros jovens, bem como pessoas de idade, se lhes juntaram espontaneamente, perfazendo um número de 2500 congressistas.

Ao ler o relatório deste primeiro Congresso Internacional Europeu da Juventude Adventista, fiquei impressionado com uma palavra que aí aparece com muita frequência, a saber: a palavra «sacrifício». Sim, sacrifício, esta era a palavra de ordem tanto dos jovens como de seus pais. Aqui está um extracto deste relatório, que, quanto a nós, merece ser citado: «Pensai nos sacrifícios consentidos, não somente da vossa parte, mas também da parte daqueles que ficaram em casa. Nós pensamos nos pais e mães da juventude adventista. Eles constituem o sustentáculo deste grande movimento. Oram pelo sucesso deste encontro. Enviaram os seus filhos a fim de que possam alcançar uma bênção especial e possam voltar para casa fortificados como filhos e filhas melhores em Jesus.» (Relatório do Congresso Europeu da Juventude Adventista, pág. 23).

Em Janeiro último, encontrei em Innsbruck, Áustria, uma irmã que me disse ter ido a pé da Checoslováquia — onde vivia — a Chemnitz juntamente com um grupo de outros jovens. Eles andaram durante muitos dias e passaram muitas noites em estábulos que os aldeãos colocavam à sua disposição. O regresso efectuou-se nas mesmas condições. Outro grupo de jovens da Alemanha fez a viagem de Hambourg a Chemnitz, aproxima-

damente 600 km num camião com rodas de borracha rija «Caoutchoux», portanto sem câmara de ar e no qual instalaram bancos de madeira. E as estradas não eram certamente aquelas que conhecemos hoje!

Seriam os nossos jovens, de há 50 anos, menos felizes do que os de hoje, pelo facto de não disporem, então, de todas as vantagens materiais e financeiras que hoje possuímos?

Claro, existem ainda outros pontos de vista onde se pode constatar uma enorme diferença entre a juventude de 1928 e a de 1978. Os poucos congressistas de Chemnitz ainda vivos podem testemunhá-lo! As gerações evoluem, depois, lentamente, elas desaparecem; mas no fundo as aspirações da alma, a necessidade de fortificar a vida espiritual pessoal, a alegria da confraternização com jovens de outras nações, ver outras raças, continuam sempre as mesmas; ora, um congresso de juventude bem organizado, centrado sobre Cristo e de carácter altamente espiritual e missionário, pode satisfazer este desejo profundo de todo o jovem adventista.

No que diz respeito ao Congresso Internacional da Juventude Adventista de 1978, as perspectivas são muito encorajadoras. Já recebemos um número satisfatório de inscrições, mas existem sem dúvida aqui e acolá, jovens ainda indecisos ou que já estabeleceram planos para passarem as suas férias em qualquer outro lugar, pensando fazer assim um melhor investimento do seu dinheiro. É a vós que eu particularmente me dirijo, queridos jovens, pedindo-vos que reconciderei os vossos projectos para este Verão, perguntando-vos muito seriamente se não valerá muito mais vos associardes aos milhares que escolheram já a boa parte, optando este ano pelo Congresso Internacional da Juventude Adventista em Lausanne. Certamente não vos arrependereis, tal como os jovens de há 50 anos não se arrependeram dos belos dias passados em Chemnitz. Assistir a uma manifestação desta natureza, representa sempre um investimento sábio. Um congresso desta envergadura não tem lugar senão de dez em dez anos aproximadamente! Ainda há lugares livres. Aproveitai a oportunidade! Nós vos esperamos e dizemo-vos: «Até breve no Congresso Internacional da Juventude Adventista de Lausanne de 25 a 29 de Julho de 1978.»

*NINO BULZIS*

*Director do Departamento da Juventude da Divisão Euro-Africana*

## Manuel Ferreira Marinheiro

Acompanhado de sua Esposa, partiu no dia 24 de Janeiro para os Camarões, via Paris, o Ir. Manuel Ferreira Marinheiro, que vai ocupar o lugar de Tesoureiro no Colégio Adventista para a África Francófona, de Nanga-Eboko, na União Equatorial Africana.

## E. Ludescher, E. Amelung e J. Gomes

De 25 a 31 de Janeiro estiveram em Portugal para analisar a situação financeira das nossas escolas, os pastores E. Ludescher, E. Amelung e J. Gomes, respectivamente, Presidente e Tesoureiro da Divisão Euro-Africana e Secretário-Tesoureiro da União Sul-Europeia.

## Dr. Gianfranco Rossi

A fim de tomar um primeiro contacto com os problemas da Liberdade Religiosa no nosso País, esteve em Portugal, de 26 de Fevereiro a 5 de Março, o Dr. Gianfranco Rossi, Director do respectivo Departamento na U. S. E.

## Drs. C. R. Taylor, E. E. White

Em visita de inspecção às nossas escolas estiveram entre nós, em 1 e 2 de Março, os Drs. C. R. Taylor e E. E. White, respectivamente, Director Associado do Departamento de Educação da Conferência Geral e Director do mesmo Departamento da D. E. A.

## COLÓQUIO SOBRE O ESPÍRITO DE PROFECIA

«ESTOU AUTORIZADA A DECLARAR-VOS QUE NENHUM RAIOS MAIS DESSA LUZ HÁ-DE INCIDIR SOBRE A VOSSA VEREDA ATRAVÉS DE TESTEMUNHOS, A MENOS QUE FAÇAIS USO PRÁTICO DA LUZ QUE JÁ RECEBESTES». *Test. Selectos, vol. II p. 281.*

Durante os dias 5, 6 e 7 de Fevereiro p. p. os jovens da região de Lisboa desfrutaram do privilégio

de participar num colóquio sobre o Espírito de Profecia, dirigido e orientado pelo Pastor Ernesto Ferreira.

Numa panorâmica geral foram abordados temas, tais como: o Dom de Profecia, Ellen G. White profetisa, o Espírito de Profecia em Acção e Aplicações Práticas do Espírito de Profecia.

Tivemos também o prazer de acompanhar através de «slides» a obra de Ellen G. White, os primeiros passos das publicações e a sua projecção no presente.

Uma nova luz, no que respeita ao Espírito de Profecia, incidiu sobre quantos participaram no colóquio. Cumpre-nos fazer uso prático dela para que mais luz possa incidir sobre a nossa vereda.

DIVA VELOSA

## Aguardando a Ressurreição

*Palmira Alves Delgado* — No dia 11 de Fevereiro faleceu em Gafanha da Nazaré, Aveiro, a Irmã Palmira Alves Delgado. Nos serviços fúnebres, expôs a Palavra de Deus, em casa, o Pastor Adelino Nunes

Diogo; e no cemitério, o Pastor Arnaldo Borges de Macedo. Seu esposo, o colportor acreditado João Feliciano Delgado, agradece por intermédio da *Revista Adventista* a todos quantos lhe manifestaram simpatia em sua dor.

*Mercedes Meleiro Dias Gomes* — Em 26 de Janeiro faleceu, em Lisboa, a Ir. Mercedes Meleiro Dias Gomes. Nascida em 1904, e baptizada pelo Pastor Paulo Meyer em 1920, casou com o Pastor António Dimas Gomes em 1931, a quem sempre deu o mais dedicado apoio em suas funções pastorais.

*Maria Gabriela Dias Gomes Esperancinha* — Passados menos de três meses sobre a morte de sua Mãe, faleceu, em 21 de Abril, com 44 anos de idade, a Irmã Maria Gabriela Meleiro Dias Gomes Esperancinha, filha do Pastor A. Dias Gomes e de Mercedes Meleiro Dias Gomes, e esposa do Dr. Joaquim Esperancinha, com quem casara em 17 de Julho de 1966. Deixa órfã uma menina de 10 anos, Helena Maria.

A todos os parentes destes saudosos defuntos apresentamos os nossos sentimentos de profunda simpatia cristã e recordamos a bem-aventurada esperança da ressurreição. — F.

## ENCONTRO NACIONAL DA JUVENTUDE ADVENTISTA EM TOMAR

De acordo com o calendário estabelecido, realizou-se de 11 a 18 de Fevereiro a Semana de Oração em quase todas as Igrejas. O mau tempo não ajudou nalguns lugares.

As comunicações chamaram a atenção dos jovens para certos problemas e dificuldades que atingem a todos mas que, por isso mesmo, não devem ser desprezados.

No sábado 18, dia M. V. em quase todas as igrejas, houve um programa especial em que os jovens

colaboraram tanto na Escola Sabatina, como no culto.

O dia 19, ansiosamente esperado por muitos jovens, nasceu, na maior parte das regiões, muito nebulado e chuvoso.

Mesmo assim, cerca de catorze autocarros e mais de vinte carros ligeiros dirigiram-se para Tomar cheios de jovens e adultos.

Chegados ali, e depois de cumprimentos e abraços, organizaram-se vários grupos para trabalho missionário. Cerca de cinco mil folhe-



tos foram distribuídos em vários bairros da cidade e obtidas cerca de uma centena de inscrições para a Escola Bíblica. Isto deu a possibilidade de contactar alguns milhares de pessoas.

Depois do almoço realizou-se um encontro no salão dos Bombeiros Voluntários de Tomar. O salão não chegou para albergar todos os visitantes.

Ali se encontraram os jovens, que cantaram, tocaram e recitaram.

Foram momentos muito agradáveis para todos.

Estiveram presentes cerca de mil jovens e adultos das seguintes igrejas: Santarém, Oliveira do Douro, Porto, Setúbal, Viseu, Leiria, Tomar, Entroncamento, Vila do Conde, Portalegre, Matosinhos, Canelas, Odivelas, Avintes, Almada, Lisboa, Alvalade, Amadora, Atalaia do Campo, Coimbra, Espinho, Figueira da Foz, General Roçadas.

Espero que Deus possa ajudar o trabalho missionário realizado naquela cidade.

J. MORGADO



*Participação dos jovens da igreja de Viseu*

## ILHA DA MADEIRA

Em resposta à decisão do Conselho da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, acedemos em vir trabalhar na Seara do Senhor nesta pitoresca ilha do Atlântico. Fizemos a viagem de Lisboa para o Funchal no dia 29 de Setembro de 1977, no Boeing 727, da TAP, «Sacadura Cabral», que menos de dois meses depois viria a despenhar-se na pista do aeroporto do Funchal, constituindo a maior tragédia da aviação civil portuguesa e bem assim desta ilha.

Graças a Deus a nossa viagem foi boa e tínhamos à nossa espera no aeroporto alguns irmãos, entre os quais o irmão António Rodrigues, que nos foi buscar no seu automóvel.

A nossa recepção por parte de todos os irmãos da Igreja do Funchal e do Caniço e bem assim de outros irmãos dispersos pela ilha, não poderia ter sido melhor. Daí para cá temos mantido as melhores relações de amizade e fraternidade cristã.

Alguns jovens e irmãos têm-me acompanhado nas visitas a irmãos

que se encontram afastados e a pessoas interessadas. Os resultados não têm sido tão brilhantes como gostaríamos que o fossem, mas temos deixado os resultados do nosso esforço com o Senhor da Seara e estamos certos que Ele os revelará no seu devido tempo.

A nossa tarefa principal tem sido no sentido de conhecer a Igreja e de nos tornarmos conhecidos dela, a fim de criarmos as condições ideais para um esforço conjunto e unido. Criar as condições essenciais para que cada membro da Igreja se consciencialize da realidade da breve volta de nosso Senhor Jesus Cristo e assim se compenetre da necessidade de se preparar e ajudar outros a prepararem-se para esse glorioso acontecimento.

As Igrejas, tanto do Funchal como do Caniço, têm correspondido muito bem. Na Igreja do Caniço já iniciámos o estudo do livro Serviço Cristão e na do Funchal vamos iniciar esse mesmo estudo no próximo sábado, dia 15 de Abril.

Dentro deste bom clima levámos a cabo a campanha da Acção 78 de 12 de Março a 2 de Abril de 1978. Houve a colaboração entusiástica de quase toda a Igreja com a sua presença cada noite nas conferências. Se alguns irmãos e irmãs não estiveram presentes todas as noites foi por manifesta impossibilidade e não por falta de interesse no esforço em que toda a Igreja esteve empenhada. Eu sei que a maior parte dos irmãos que não puderam estar presentes corporalmente, acompanharam de perto esta campanha com as suas orações. Há que destacar a colaboração dos jovens e alguns irmãos na afixação de cartazes, na distribuição de convites e folhetos e bem assim a colaboração de todos os elementos do coro da Igreja e o dos juvenis e das crianças que com entusiasmo, esforço e dedicação conseguiram apresentar dois hinos cada noite das conferências.

Sem pretender destacar ninguém, em particular, creio ser jus afirmar que merecem menção especial todos os irmãos e irmãs do coro que, apesar dos seus afazeres domésticos e profissionais, se reuniam todas as noites uma hora antes das conferências para ensaiarem os hinos. E neste caso vale a pena mencionar o esforço da irmã directora da música, a qual se esforçou o melhor que pôde, a fim de conseguir escolher os hinos que melhor se adaptassem e bem assim o esforço combinado de todos os elementos do coro. Não há dúvida que seria injusto se deixasse de mencionar, ainda que anonimamente, o caso de alguns irmãos que todas as noites foram buscar pessoas para as conferências e no final as foram levar de volta a suas casas. O irmão ancião e os diáconos que pontualmente se apresentaram nos seus respectivos postos do dever. Os irmãos da sonorização igualmente estiveram a postos. A irmã que recortou as letras que adornavam a tribuna, a irmã que actualmente faz a limpeza da Igreja e a decoração floral que durante esses dias teve um trabalho multiplicado. E por fim vale a pena dizer que os irmãos recepcionistas fizeram um belo trabalho.

A coroar este esforço de toda a Igreja nesta campanha, tivemos a imensa alegria de ver quatro preciosas almas selarem o seu pacto com Deus através das águas baptismas, numa bela e impressionante cerimónia baptismal. O tanque baptismal e a tribuna estavam belamente decorados com flores e tínhamos previamente mandado pintar um cenário agradável na parede do fundo, o qual devidamente iluminado com várias luzes coloridas e as luzes do salão apagadas tornaram mais impressiva e solene a cerimónia.



Tivemos uma assistência média de 40 visitas cada noite. Na noite final assistiram à cerimónia baptismal muito mais visitas e membros, tendo o salão ficado completamente repleto. No apelo final 29 pessoas responderam e preencheram os cartões de decisão. Dessas pessoas algumas já estão a assistir a qualquer das duas classes baptismais que temos actualmente e permanentemente a funcionar. Que o Senhor possa abençoar ricamente todas essas almas e assim o maior número, ou todas elas se possível, venham a aceitar o Senhor Jesus Cristo e a Sua salvação antes que seja tarde demais. Esta é a única razão do nosso esforço e o nosso voto a Deus.

Um muito obrigado a todos os irmãos e irmãs por toda a vossa boa colaboração. E todos nós devemos estar gratos a Deus por esta oportunidade que Ele nos deu de ainda podermos ter colaborado com Ele na Sua obra de salvar homens e mulheres para o Seu Reino. A Ele seja dada toda a honra e glória.

Antes de terminar gostaria de referir que quase ao iniciar a campanha nos nasceu no dia 9 de Março mais um menino a quem demos o nome de Daniel Pereira

Cordeiro. Louvado seja Deus por mais esta dádiva do Senhor. Um belo menino que veio tornar mais alegre o nosso já enriquecido lar.

Passada uma semana após o termo da nossa campanha realizámos na Igreja do Funchal a cerimónia da Santa Ceia, à qual estiveram presentes os irmãos do Caniço e de outros pontos da ilha. Também estiveram presentes a maioria das visitas que estiveram connosco durante a campanha. Foi mais uma boa oportunidade para que se gravassem nas suas mentes as características principais da nossa mensagem e razão de ser da nossa existência.

Caros leitores da *Revista Adventista*, creio que o vosso sentimento em relação com a obra do Senhor é a mesma dos irmãos da Madeira. Creio que estamos todos irmanados no mesmo propósito. Que todos desejamos abreviar a volta de nosso Senhor Jesus Cristo. Oxalá, nesta hora solene para a Igreja, e de crise para o mundo, saibamos dar as mãos e formar uma frente unida contra o inimigo das nossas almas, a fim de o vencermos e para que o regresso de Jesus seja em breve uma realidade. MARA-NATA!

M. N. CORDEIRO

## IGREJA DA AMADORA

Poucos minutos passavam das 7.30 horas da manhã daquele sempre tão tristonho dia 2 de Novembro, quando um numeroso grupo de jovens, rapazes e raparigas, da Igreja da Amadora, à porta do cemitério desta localidade, aguardava carregado de flores, e em grande expectativa, o abrir dos pesados portões daquele funéreo local.

Ali, em mais de 500 sepulturas, deixaram o penhor da sua simpatia pelas enlutadas famílias numa singela mas perfumada flor e o testemunho da sua Fé num pequeno cartão onde se podia ler um bem escolhido e apropriado texto bíblico. Ali também estava um amável convite para três reuniões, bem preparadas, sobre os temas da Vida, da Morte e da Ressurreição, que foram apresentados por alguns jovens que na sua exposição souberam pôr o seu melhor.

Deste esforço, cujos resultados não podemos imediatamente vislumbrar, já recebemos a primeira compensação nas palavras de certo senhor que encontrou sobre a campa de sua Mãe o sinal da nossa simpatia. Agradecendo, declarou:

«Foi para mim motivo de grande emoção o vosso amável gesto que jamais esquecerei.»

Que Deus abençoe esta e outras pessoas a quem por este meio tenhamos impressionado.

### Dia da Temperança

A Amadora foi assaltada por numerosos grupos de jovens que, bem organizados e de lápis e papel em riste, percorreram as ruas inquirindo de quantos passavam ao seu alcance se era fumador, se apreciava fumar, se desejava libertar-se do cigarro, etc.

Depois do inquérito que abrangeu mais de três centenas de pessoas, a maioria das quais fumadora, era oferecido um mui amável convite para uma reunião à noite, sobre «A origem, o uso e perigos do Tabaco», tema belamente elaborado e apresentado pelo estudante de medicina, nosso jovem Irmão Adriano Henriques.

Alguns fumadores visitaram-nos nessa noite e agradaram-se verdadeiramente deste trabalho de jo-

vens. Nos olhos de um fumador de longa data vimos lágrimas de agradecimento.

Uma semana mais tarde os nossos rapazes voltaram a contactar com aqueles visitantes, oferecendo a cada um, com bem significativa dedicatória, o Livro *Escravos do Século XX*. Este programa, cujas despesas estiveram totalmente a cargo dos próprios jovens, foi como que um aliciante para o Plano de 5 Dias, que esperamos nos seja oferecido oportunamente pelo Pastor Sandoval. Para este Plano já se encontram inscritos os nossos primeiros 15 convidados.

### Curso de Serviço Cristão

Com bastante interesse foi seguido este curso (dirigido pelo signatário na qualidade de director dos jovens) por muitos rapazes e meninas que o terminaram com grande aproveitamento. Dele surgiu a ideia de organizar grupos para várias actividades dentro e fora da Igreja. Decidiu a direcção JAP da Amadora pôr sobre a gente moça a responsabilidade da programação das suas reuniões quinzenais e o estudo de certas matérias ao nível espiritual e cultural, o que tem posto toda a gente nova em permanente trabalho. Também a direcção organizou um Conselho da juventude, que se reúne mensalmente, esforçando-se por acompanhar e ajudar a resolver os múltiplos problemas da mocidade.

### Desbravadores e Tições

Prosseguem as suas actividades em grande forma e sem desfalecimento.

Desta vez foram os Tições que nos brindaram com a sua agradávelíssima festa de Investidura. Eram 23 os pequeninos que cantaram, deram provas reais dos seus conhecimentos e receberam os seus mercedos distintivos.

Foi um dia de festa para pequenos e grandes que enchiam totalmente o nosso salão. Comovidos, os pais agradeceram às Monitoras e à Directora do Clube, a jovem Irmã Isabel Lacerda, todo o carinho e trabalho revelados naquela tarde.

Desta maneira a nossa juventude dos 6 aos 30 anos está, pela graça de Deus, prosseguindo animada para o trabalho que lhe compete realizar.

Sabendo que o grande adversário tem o seu objectivo na destruição e desânimo da mocidade, rogamos, encarecidamente, aos queridos Irmãos o favor de nunca nos esquecerem em suas orações.

Com amizade,

JORGE PIRES

# GRAÇAS AO PEQUENO LIVRO «A SOLUÇÃO É CRISTO»

No mês de Dezembro de 1977, tive o privilégio de assistir ao cinquentenário da nossa Obra em Madagáscar. Esta foi uma ocasião para várias manifestações públicas nas quais participaram numerosas altas individualidades deste país, entre as quais um dos ministros do Governo.

No entanto, o momento mais emotivo foi aquele em que os primeiros adventistas malgaches, ainda vivos, contaram as suas experiências. Foi do irmão Rasamoelina,

de uma missão protestante, encontrou num comboio entre Tamatave e Tananarive, um certo senhor Tuyan. Este regressava das ilhas Maurícias, onde tinha assistido a algumas conferências, dadas por Paul Badaut, missionário adventista. Como o senhor Rasamoelina se mostrou muito interessado, o senhor Tuyan deu-lhe uma das brochuras que trazia consigo e na qual se encontrava o endereço da sede da nossa Missão, nas Maurícias.

Lar fez um segundo envio de literatura no qual se encontrava o pequeno mas precioso livro, «A Solução é Cristo».

Com os seus conhecimentos de inglês, o senhor Rasamoelina não teve dificuldade em descobrir a pérola de grande preço escondida nas páginas desta maravilhosa obra-prima da pena de Ellen White. A mensagem ali contida impressionou-o tanto que decidiu traduzir este livro para a língua malgache. A quando da visita do primeiro missionário adventista ao senhor Rasamoelina, em Tananarive, em 1922, a tradução do pequeno livro estava terminada e o manuscrito pronto a ser levado para a tipografia. Era necessário esperar, para que o projecto se concretizasse, que a Conferência Geral aceitasse financiar a publicação. Em 1924, quando da segunda visita do irmão Marius Rascal, o manuscrito foi entregue na tipografia. Foi assim que apareceu, em 22 de Junho de 1925, o primeiro livro adventista em língua malgache, sob o título «Ny Dia Ho eo Amin'i Kristi».

Esta experiência será sempre para mim um motivo de admiração e reconhecimento ao Senhor pelo modo providencial como conduz a Sua Obra neste mundo. Os milagres neste domínio não se limitam ao tempo dos apóstolos; para quem os saiba ver, eles repetem-se nos nossos dias. Assim, em Madagáscar, como noutros lugares da terra, a página impressa precedeu a chegada dos primeiros missionários. É mesmo graças a ela que eles puderam ir e continuar a obra iniciada. Quando a família Rascal se fixou em Tananarive, em Fevereiro de 1926, um pequeno grupo de malgaches esperava que lhe fossem ministrados mais ensinamentos acerca da mensagem.

Foi em honra destes primeiros adventistas malgaches, baptizados em 1927, que foi organizado, em Dezembro último, um jubileu de acção de graças.

JEAN ZÜRCHER



*O irmão André Rasamoelina, primeiro adventista em Madagáscar, e sua esposa*

lina, que já não pertence ao número dos vivos, de quem Deus se serviu para introduzir a Sua mensagem nesta grande ilha, através da página impressa. Foi para mim um prazer contar esta história que tantas vezes ouvi da boca do nosso irmão, enquanto trabalhei como missionário em Madagáscar.

Foi no ano de 1917. O senhor Rasamoelina, inspector das escolas

Alguns dias mais tarde, o senhor Rasamoelina escrevia ao irmão Paul Badaut para lhe pedir alguns impressos, uma vez que estava interessado em conhecer mais alguma coisa. O nosso irmão fez tudo o que estava ao seu alcance. Pediu também, por intermédio da Conferência Geral, alguns exemplares da revista «Verdade Presente». Algum tempo depois o Departamento do



## **Nova Emissão de Rádio no Bangladesh**

Surgiu uma oportunidade inesperada de utilizar emissões de rádio no Bangladesh. Convidado pela estação emissora do Governo, D. P. Rema, secretário da Missão do Bangladesh, fala duas vezes por mês aos Garos, um grupo minoritário daquele país. Como resultado das emissões, chegam em média 50 a 60 cartas por semana. — *Review and Herald*

## **Uma Publicadora Africana Trabalha 24 Horas por Dia**

O pessoal da casa publicadora Africa Herald Publishing House, em Kendu Bay, no Quênia, está trabalhando 24 horas por dia para atender uma encomenda de 1.000 caixotes de livros, pesando um total de 25 toneladas. É a maior encomenda de sempre que aquela publicadora teve que executar. Os livros destinam-se aos colportores da Tanzânia. Quando este país cortou relações com o Quênia, estabeleceu-se uma crise de abastecimento aos 340 colportores, cujo principal fornecedor é a Africa Herald Publishing House. Como resultado de diligências feitas junto do Governo da Tanzânia, foi dada autorização de importar mais uma remessa de livros. O Governo tornou explícito, no entanto, que se trata apenas de uma maneira de ajudar a igreja durante o tempo necessário para pôr a funcionar os seus próprios serviços de impressão na Tanzânia. — *Review and Herald*

## **Templo Reconstruído em Zurique**

O vasto trabalho de reconstrução do templo da Rua Cramer, em Zurique, na Suíça, está quase concluído. Como já acontecia com o edifício anterior, o novo templo compreenderá também uma escola primária e secundária, mas com muito melhores e mais eficientes instalações.

## **Máquina Impressora Offset de Um Milhão e Meio de Dólares para o Pacific Press**

O conselho administrativo da casa publicadora adventista americana Pacific

## **do mundo adventista**

Press Publishing Association aprovou recentemente a compra de uma impressora de offset Harris M-200, de 36 polegadas, 5 unidades, que utiliza papel em rolos e custa um milhão e meio de dólares (cerca de 60 mil contos). A nova máquina destina-se a substituir duas velhas impressoras Miehle, de quatro unidades, e duas outras mais antigas, de duas unidades. O custo de manutenção e a rapidez da produção decidiram a Pacific Press e toda a indústria gráfica a substituir as máquinas que utilizam folhas de papel por outras que imprimem, dobram e colam numa única operação.

A Pacific Press vai igualmente adquirir uma máquina Ehlermann de cartonar e encadernar livros por cinco processos diferentes combinados numa única unidade, reduzindo assim o tempo de produção. A instalação deste equipamento, que custa meio milhão de dólares, está planeada para Abril deste ano. — *Review and Herald*

## **Prémio da Liberdade Religiosa**

A Associação Internacional para a Liberdade Religiosa recebeu uma distinção concedida pela Americans United for Separation of Church and State (União dos Americanos para a Separação entre a Igreja e o Estado). A atribuição desse prémio foi dada a conhecer recentemente durante o banquete anual para a atribuição de prémios, na Primeira Igreja Baptista de Washington. Foi a Associação Internacional para a Liberdade Religiosa que cooperou com a Igreja Adventista do Sétimo Dia no patrocínio do Primeiro Congresso da Liberdade Religiosa em Amsterdão, em Março do ano passado. — *Review and Herald*

## **Ordenações ao Ministério na África Ocidental**

Em Maio do ano passado, foi consagrado ao ministério o primeiro obreiro senegalês, o Pastor Albert Sadio, ao mesmo tempo que o Pastor Giuseppe Carbone, um italiano que dirige actualmente o trabalho na Missão de Cabo Verde. A cerimónia realizou-se em Dacar e foi dirigida pelo Pastor E. E. White, da Divisão Euro-Africana.